

Arte, Sexo e Religião: a deusa Istar na Mesopotâmia

Katia Maria Paim Pozzer¹

Resumo: No presente artigo analisaremos algumas representações imagéticas da deusa Istar, a mais célebre das deusas da Mesopotâmia. Para os antigos habitantes da região entre rios, toda a vida na terra era comanda pela vontade dos residentes dos céus e do mundo subterrâneo. Segundo esse sistema politeísta, as divindades estavam organizadas em uma sociedade, onde cada uma tinha seu campo de atuação, suas competências, seus privilégios, seus saberes e poderes. A concepção desta deusa sexual e beligerante foi construída ao longo dos séculos, a partir de uma fusão de três divindades diferentes: uma guerreira e quase viril, de origem semita, Istar; outra, suméria, feminina e padroeira do amor livre e do sexo, Inanna; uma terceira, identificada ao planeta Vênus, estrela da manhã e do entardecer.

Palavras-chave: Mesopotâmia, Arte Antiga, Religião Mesopotâmica, Istar.

Résumé: Dans cet article, nous analyserons quelques représentations imagées de la déesse Istar, la plus célèbre des déesses mésopotamiennes. Pour les anciens habitants de la région entre les fleuves, toute la vie sur terre étaient commandé par la volonté des habitants des cieux et du monde souterrain. Selon ce système polythéiste, les divinités ont été organisées dans une société où chacune avaient leur domaine, leurs compétences, leurs privilèges, leur savoirs et pouvoirs. La conception de cette déesse sexuel et belligerante a été construit au cours des siècles, a partir d'une fusion de trois divinités différentes: une guerrière et presque viril, d'origine sémitique, Istar; un autre, sumérienne et patronne de l'amour libre et du sexe, Inanna; une troisième, identifiée à la planète Vénus, étoile du matin et d'après-midi.

Mots-clés: Mésopotamie, Art antique, Religion Mésopotamienne, Istar.

¹ Docente do Curso de História da Arte e do Programa de Pós-graduação em História (UFRGS). E-mail: katia.pozzer@ufrgs.br.

O universo mesopotâmico é um mundo encantado. Em diferentes graus tudo é sagrado, o que torna a organização racional do panteão mesopotâmico uma difícil tarefa. Existem inúmeros elementos que se originam de tradições locais, com diferentes concepções dos grandes deuses e a tendência em divinizar todas as manifestações da natureza e da atividade humana. Originalmente o panteão foi constituído por elementos da natureza que, durante a transição do IV para o III milênio AEC, durante o processo de urbanização, tornaram-se divindades antropomórficas masculinas e femininas (POZZER, 2010).

Ao longo do III milênio AEC as relações entre as diversas cidades-estado foram se transformando, a partir de alianças políticas, de casamentos e de guerras, criando novas configurações territoriais (Fig. 1). O panteão religioso também se alterou, originando "laços familiares" entre as divindades. Contudo essas relações eram instáveis, fazendo com que as teogonias e os mitos se modificassem, assim como o gênero de algumas divindades (WIGGERMANN, 2006, p. 1860).

Os mesopotâmicos inventaram as cidades e creditaram a elas o lugar de moradia dos deuses. Assim, cada divindade do panteão possuía uma residência principal, sua cidade predileta (POZZER, 2003, p. 61). Essa religião politeísta possuía uma organização onde cada cidade-estado dispunha de um panteão próprio, com uma verdadeira constelação de divindades e mitologias. Essas divindades tinham nomes, funções e atributos específicos e estavam vinculadas à uma cidade onde exerceriam seu poder e proteção (GLASSNER, 2002, p. 86).

A doutrina mesopotâmica, diferentemente de outras religiões do passado, sobretudo das monoteístas (o cristianismo, o judaísmo e o islamismo), não possui um caráter histórico, não tem uma data de fundação, em um momento específico da história. Suas origens remontam à pré-história (período anterior ao IV milênio AEC) e é resultado da integração de diversas culturas, ao longo dos séculos.

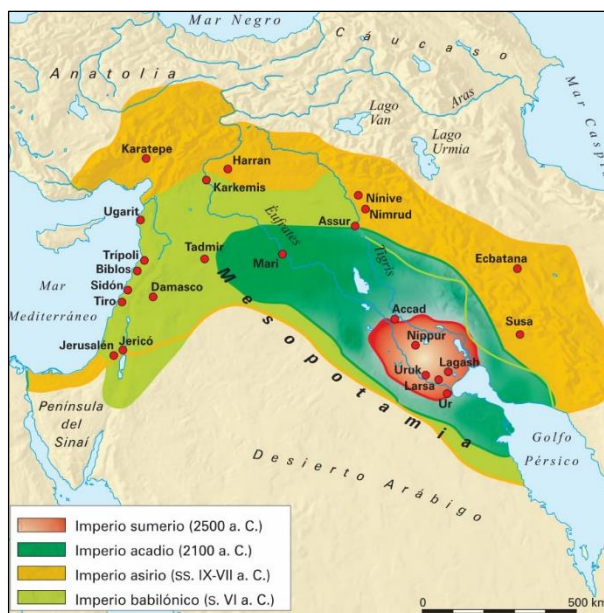


Fig. 1 - Mapa dos Impérios Mesopotâmicos

Fonte: <https://tranquilacion.wordpress.com/2016/01/12/ficha-de-trabajo-del-tema-8-mesopotamia/>

A sistematização dos conceitos religiosos e de sua expressão sob a forma de famílias divinas e de mitos iniciou ainda durante o IV milênio AEC, durante o processo de urbanização da Baixa Mesopotâmia. Sua complicada sistematização foi obra de várias escolas teológicas oriundas de tradições religiosas sumérias e semitas, como testemunha a diversidade destas genealogias e narrativas mitológicas, muitas vezes contraditórias (ROUX, 1995, p. III).

Nosso conhecimento acerca das ideias religiosas e morais dos mesopotâmicos é baseado nos numerosos textos, tais como listas de deuses e oferendas, mitos e epopeias, rituais, hinos, preces, provérbios, etc., provenientes, em grande parte, dos arquivos clericais de Nippur, a capital religiosa da Suméria e das bibliotecas de Aššur e Nínive, antigas capitais do Império Assírio. Porém, outra importante fonte de pesquisa, ainda pouca explorada nos estudos brasileiros, são os objetos artísticos, de cunho religioso, que compõem o acervo dos mais importantes museus do mundo, atinentes aos cinco continentes.

Considera-se que a cidade de Nippur tenha sido a sede religiosa do sul da Mesopotâmia, mas ela não foi uma capital política, nem um centro administrativo

autônomo (POSTGATE, 1995, p. 32-35). O lugar privilegiado que a cidade ocupou no plano político, sob as diferentes dinastias que se sucederam, deveu-se a um fato religioso, visto que ela abrigava o santuário de Enlil, o deus supremo na teogonia suméria. Para Lieberman (1992, p. 127-136), a principal característica de Nippur é o fato de que ela foi o local onde as decisões da assembleia (**ukkin** em sumério, *puhrum* em acádio) eram tomadas e divulgadas.

O historiador francês Jean Bottéro (1987, p. 256) diz que "os mesopotâmicos criaram seus deuses à semelhança dos homens, pois eles tinham aparência, qualidades e defeitos, eram movidos à paixão e ódio como os humanos". Além disso, possuíam uma força extraordinária, poderes sobrenaturais e um dom único, o da imortalidade. Para os antigos habitantes da região entre rios, toda a vida na terra era comanda pela vontade dos residentes dos céus e dos infernos, isto é, as divindades do mundo superior e do mundo inferior. E, como todo sistema politeísta, as divindades estavam organizadas em uma sociedade, onde cada uma tinha seu campo de atuação, suas competências, seus privilégios, seus saberes e poderes.

Podemos elencar diferentes categorias destas divindades em seus diversos níveis hierárquicos (BLACK; GREEN, 1998):

- no ápice da escala, a tríade cósmica An, Enlil e Enki. An, o deus-céu, soberano de todos os deuses, árbitro das disputas divinas. Enlil, o senhor da atmosfera, evoca a força dos ventos e o sopro da vida, é o rei da terra inteira. Enki, o senhor das águas doces, fontes e cursos d'água, possui grande importância na Mesopotâmia. Sua principal característica é a inteligência, ele é o inventor das ciências e das técnicas e é aquele que concebeu a ideia da criação do Homem.

- os deuses da natureza, como a tempestade, o vento, o fogo, os minerais, os vegetais;

- as divindades astrais, sendo o deus-sol Šamaš/UTU e o deus-lua Šin/Nanna os mais importantes;

- os deuses guerreiros como Ninurta, Aššur e a deusa Ištar;

- os "espíritos" ou "demônios", bons ou maus;

- as divindades pessoais, ligadas à cada indivíduo, responsável pelo seu bem-estar;

- os deuses ligados às profissões e aos instrumentos de trabalho.

Concomitantemente à esta organização, existia um panteão feminino onde destacavam-se a deusa Ninhursag ou Ninkhursag, a "Senhora das Colinas", cuja morada era a cidade de Kiš. Ela era irmã de Enlil e, em algumas fontes antigas, era também nomeada como sua esposa. Ninhursag é, juntamente com o deus Enki, a responsável pela criação do homem no mito da gênese conhecido por Atrahâsis.

Outra deusa que merece destaque é Ninsina, a "Senhora de Isin", conhecida como a deusa da cura². Mas, sem dúvida, uma das figuras femininas mais poderosas nesta constelação divina é Ereškigal, cujo nome significa, literalmente, a "Dama da Grande Terra". Ela é a rainha do Infra Mundo, a terra dos mortos. Era irmã de Ištar e teve por esposo o deus Nergal, protetor da cidade de Kutha, Tell Ibrahim, situada ao sul do atual Iraque.

A deusa Ištar pode ser considerada como a mais célebre da Mesopotâmia. Ela que não é uma, mas sim três deusas! Esta concepção foi construída ao longo dos séculos, a partir de uma fusão de três divindades diferentes: uma guerreira e quase viril, de origem semita, Ištar; outra, suméria, feminina e padroeira do amor livre e do sexo, Inanna; uma terceira, identificada ao planeta Vênus (Dilbat), estrela da manhã e do entardecer. Sua simbologia numérica estava associada ao número 15, que é a metade do número 30, atribuído a seu pai, o deus Šin, deus lua. (ASCALONE, 2006, p. 142).

As deusas Astarté/Asherá citadas nos textos bíblicos de Juízes, Reis e Êxodo também foram associadas ao seu nome. No panteão mesopotâmico Ištar/Inanna é filha do deus-lua Šin e de sua esposa Ningal, tem o deus-sol, Šamaš, por irmão e Ereškigal, a rainha dos "Infernos", por irmã (BLACK; GREEN, 1998).

A cultura material nos legou uma rica iconografia da deusa Ištar, tanto como divindade guerreira como pelo seu caráter sexual. Na figura abaixo (Fig. 2) temos as duas vertentes desta concepção, em um mesmo expositor, no prestigioso Museu de Antiguidades Orientais de Berlim, pertencente ao complexo muséal do Pergamo.

² A cidade de Isin era conhecida por possuir uma importante "escola de medicina" no período paleobabilônico. (POZZER, 2008, p. 179).



Fig. 2 - Representação de Ištar guerreira e deusa do sexo
Período II/I milênio AEC, Babilônia. Placas de argila.
Vorderasiatisches Museum, Berlim.

Fonte: Foto da autora.

Na placa de argila, à direita da imagem, temos a representação de Ištar enquanto deusa da guerra, empunhado o arco na mão esquerda e o cetro na mão direita. Ela porta a coroa de chifres, um importante atributo da divindade e está sob um leão, animal associado à realeza, com simbolismo de força, que, por sua vez, é representado em uma montanha, lugar onde a deusa habita, fazendo alusão aos céus. O campo visual parece estar emoldurado por uma estrutura que poderia ser um templo, onde também há uma menção explícita ao deus Šamaš, o sol, no canto superior direito, que, segundo a mitologia, era irmão da deusa.

Já a figura de argila da esquerda da imagem mostra Inanna, a deusa do sexo, ou do amor livre (BOTTÉRO; KRAMER, 1993, p. 203). Temos um nu frontal, onde ela é retratada vestindo apenas uma tiara de chifres e um colar, tendo as mãos espalmadas, como em um ato de saudação.

Nas figuras 3 e 4 temos representações de Inanna/Ištar exibindo a tiara de chifres, um peitoral, brincos e uma capa que se assemelha a asas. Ela tem as mãos postadas e seu umbigo é marcado. Novamente as figuras estão posicionadas em grande frontalidade.



Fig. 3 - Representação de Ištar, deusa do sexo
Período I milênio AEC (?), Babilônia. Placa de argila. H: 6,0 cm (?)
British Museum, Londres.
Fonte: Foto da autora.



Fig. 4 - Molde e *moulage* de Ištar, deusa do sexo
Período I milênio AEC (?), Babilônia. Placa de argila. H: 5,0 cm (?)
British Museum, Londres.
Fonte: Foto da autora.



Fig. 5 - Sêlo-cilindro e impressão moderna. (3,9 X 2,55 cm)
Época de Akkad (2300 AEC), Sippar (?). Pedra esverdeada.

British Museum, Londres.

Fonte: Foto da autora.



Fig. 6 - Detalhe. Impressão moderna de Sêlo-cilindro.

Época de Akkad (2300 AEC). Sippar (?). Argila.

British Museum, Londres.

Fonte: Foto da autora.

A figura 5 revela o selo-cilindro e a impressão em argila, reproduzida na figura 6, do escriba Adda. A inscrição cuneiforme, em duas linhas diz: ad-da; dub-sar, que pode

ser traduzido por Adda, escriba. À esquerda da cena temos a inscrição cuneiforme e abaixo dela um leão rugindo, ao lado de um deus da caça com arco e flecha nas mãos. No centro da composição temos a deusa Ištar, em sua forma alada, com um vestido longo, com a coroa de chifres, portando armas nas suas costas. Ela está segurando um objeto semelhante a uma planta, provavelmente um ramo de tâmaras e encontra-se no alto de uma montanha, ao lado de um pequeno arbusto, acima da cabeça do deus sol. Os ramos, as flores e os frutos testemunham uma vitalidade criadora e possuem virtudes miraculosas, pois acreditava-se que ao comer os frutos e usar a madeira para fabricação de objetos, como o cetro e o bastão, esses atributos seriam transferidos para a pessoa que os consumia ou utilizava (ASCALONE, 2006, p. 134).

O deus-sol Šamaš com raios nas suas cotas está surgindo entre as duas montanhas quadradas e segurando uma lâmina serrilhada. O deus Ea, ou Enki em sumério (deus do abzu, o oceano) está à direita, com o pé direito colocado sobre a montanha. A representação clássica das montanhas na arte mesopotâmica são formas cônicas sobrepostas, como a que se vê no presente selo. Ele estende a mão direita em direção a uma águia, provavelmente o pássaro Anzu, nome acádico do deus sumério Imdugud, que, segundo a mitologia suméria, teria roubado os tabletes do destino de Enki.

Um touro deitado encontra-se embaixo das pernas de Ea. Dos ombros de Ea jorram jatos d'água com peixes, conferindo um caráter sobrenatural à cena. O peixe é um animal comumente associado à Enki. Atrás dele está o seu sacerdote ou vizir, o deus Isimud/Usmû, representado com a dupla face, com a mão direita levantada. Todos os deuses retratados usam a tiara de chifres, o principal atributo das divindades. As figuras masculinas são barbadas e usam saia.

Além destes objetos de culto, existem outras formas de representações simbólicas da deusa Ištar, como a Via Processional, um exemplo de arquitetura monumental da cidade de Babilônia (Fig. 7). Este monumento, erigido pelo rei Nabucodonossor II e datado de cerca de 580 AEC, encontra-se atualmente no Museu de Antiguidades Orientais, no complexo do Museu do Pégamo em Berlim, pois foram escavações alemãs, no final do século XIX e início do XX que trouxeram à luz estas construções (MERZAHN, 1993). Os tijolos prolicrômicos, nas cores básicas da arte mesopotâmica deste período são em azul, laranja, branco e preto. A figura do leão é associada à deusa pelo seu caráter guerreiro e divino, uma vez que o leão simboliza a força, mas também a realeza.

Combinado as estas figuras, temos a rosácea, uma flor, que igualmente é uma metáfora para a deusa Ištar (BLACK; GREEN, 1998, p. 109;119).



Fig. 7 - Via Processional de Babilônia
580 AEC, Reinado de Nabucodonossor II. Tijolos esmaltados policrômicos.
Vorderasiatisches Museum, Berlim.

Fonte: Foto da autora.

Ištar é a divindade mais fascinante do panteão babilônico devido às suas múltiplas facetas. Os sumérios do período arcaico (cerca de 3100 AEC) escreviam seu nome com o sinal **mùš** antecedido pelo determinativo divino³, resultando em **^dmùš**, cuja leitura, nos períodos neo-sumério e posteriores era **Inanna**. Acredita-se que a forma original do nome era **Innin**, uma divindade pré-suméria protetora da vegetação, venerada pelos primeiros camponeses que povoaram o sul mesopotâmico a partir do IV milênio AEC e que foi reinterpretada pelos teólogos sumérios (JOANNÈS, 2001: 421). Os povos semitas, nos períodos paleoacádico e paleobabilônico, escreveram o nome da deusa com as sílabas **eš₄-tár**, e mais tarde esta escrita tornou-se estável com as sílabas **iš-tar**. Porém, é importante salientar que todas estas grafias estão relacionadas com o planeta Vênus, a "estrela do pastor".

³ DINGIR é determinativo gráfico, indicando o qualificativo divino e também o substantivo comum, singular, masculino para deus.

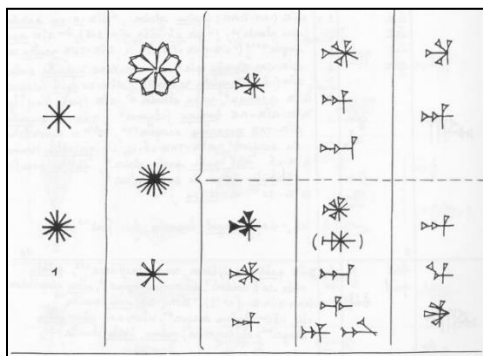


Fig. 8 - Evolução do sinal cuneiforme DINGIR

Coluna mais à esquerda: sumério pictográfico

Coluna mais à direita superior: assírio

Coluna mais à direita inferior: babilônico

Em seu importante estudo sobre a religião mesopotâmica, os historiadores López e Sanmartín (1993, p. 302-303) apresentam a figura da deusa Ištar como sendo:

Inanna/Ištar é a divindade feminina mais importante do panteão babilônico e tem um caráter tridimensional: erótica e atraente, deusa do amor e do sexo; sanguinária e impiedosa, deusa da guerra e da vingança; astral, Vênus celeste. (...). Sua fascinação reside precisamente na impossibilidade de separar estas três facetas: erótica, sanguinária e astral de sua personalidade. A presença da deusa implica na (existência das) três simultaneamente: a amante pode matar; a sanguinária pode amar; o astro celeste pode esconder-se.

Como um espelhamento da sociedade humana, os deuses mesopotâmicos também exerciam suas capacidades amorosas: tinham esposas, concubinas e amantes. Mas o domínio do sexo era próprio da deusa Inanna/Ištar. Sua figura tornou-se tão importante que seu nome, a partir do período paleobabilônico, serviu para designar toda

a espécie de divindade feminina, como sinônimo de *iltu*, substantivo comum para deusa na língua acádica e, com o passar do tempo, tornou-se a mais rica e exuberante divindade feminina da Mesopotâmia. (BOTTÉRO; KRAMER, 2011)

A Ištar do país de Akkad é frequentemente representada por uma figura feminina com armas, acompanhada de um leão, expressando seus aspectos guerreiros. Ela ainda aparece vinculada ao processo de legitimação do poder real quando um novo soberano sobe ao trono, em troca de sua proteção ela é agraciada com muitas oferendas.

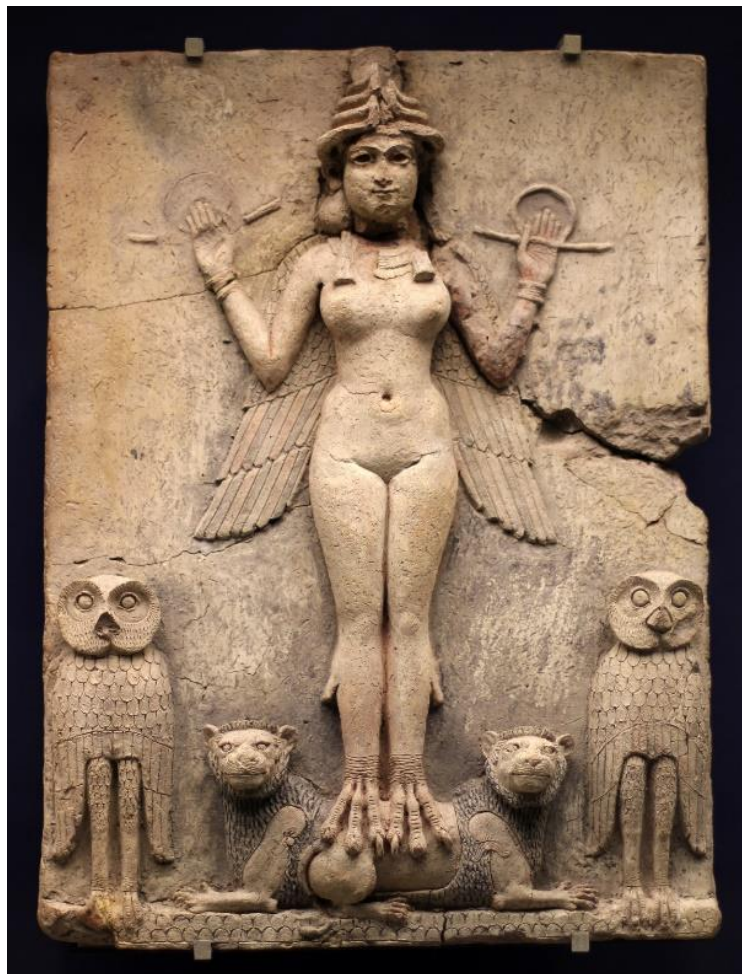


Fig. 9 – A Rainha da Noite (?)

1800-1750 AEC. Nippur (?).

Placa de argila com decoração moldada em alto relevo. 49,5X37X4,8cm.

British Museum, Londres

Fonte: Foto da autora.

Este excepcional relevo (Fig. 9), cuja primeira publicação data de 1936, ainda intriga os estudiosos, uma vez que apresenta uma imagem controversa, com simbolismos associados tanto à deusa Ištar como à Ereškigal, sua irmã e rainha do Infra Mundo (COLLON, 2005, p. 5). Ele representa uma deusa nua, com formas voluptuosas, com insígnias da realeza nas mãos, o bastão e o anel, repetidos de forma a conferir uma grande simetria à imagem. Estes objetos podem representar o poder que advém da dualidade: macho e fêmea. O bastão, criado a partir do tronco da árvore, tem forma linear e fálica, signo do sexo masculino. Ele está esteticamente associado a um símbolo circular, que é uma alegoria ao sexo feminino. Sabemos que no Egito antigo o anel circular é o símbolo da eternidade, sem início e sem fim e o cetro ou bastão é insígnia de poder e autoridade (LURKER, 2006, p. 101;105).

A imagem retrata uma figura feminina com grande simetria e vigorosa frontalidade, que nos olha firmemente, sugerindo uma forte comunicação com o observador, só comparável com a arte bizantina. O cânone da arte mesopotâmica sempre evitou a tendência à frontalidade, sendo a escultura em baixo relevo e os selos-cilindros sua maior expressão. Uma das exceções é justamente a representação da deusa Ištar.

A face da Rainha da Noite é oval e seus olhos teriam incrustação de conchas e lápis-lazúli como íris, a orelha do lado esquerdo é retratada com grande detalhe, a linha de sua boca está fechada e levemente arcada, esboçando um sutil sorriso. Ela porta a coroa, com quatro pares de chifres encimada por um disco e seu cabelo está penteado em grandes cachos nos ombros, possivelmente indicando uma estilização cerimonial em seu culto. A Rainha da Noite usa um colar com miçangas horizontais e verticais e braceletes nos dois pulsos e está com as duas mãos espalmadas, abertas em direção ao observador. Ela possui asas, que normalmente estão associadas à Ištar no seu aspecto de deusa estelar, porém alguns estudiosos propõem que as asas estejam em relação com os demônios do Infra Mundo.

Neste relevo identificamos a presença de animais: o leão relacionado à força; a coruja associada à noite, e, ainda, vemos asas e garras de ave de rapina lembrando os demônios habitantes dos infernos, do mundo subterrâneo. Os leões têm a cabeça virada em direção ao observador, alertas, em posição de guarda e sob aparente controle. Eles, por sua vez, estão ladeados por duas corujas, guardiãs das montanhas. Sem dúvida, a

nudez e a exuberância das formas corporais estão relacionadas à figura da deusa do amor e da fertilidade. Além da coroa de chifres, a deusa exibe um colar e braceletes, seus talismãs mágicos e protetores. A montanha, como vimos, é o reino da deusa Inanna no mito sumério. Contudo este relevo apresenta fortes conotações com o mundo subterrâneo, o lugar escuro onde os destinos estão determinados, isto é, a terra dos mortos, governada por Ereškigal, a Dama da Grande Terra. Como divindade ela carrega a coroa de chifres, possui asas e garras e segura as insígnias do poder, o bastão e o anel. Porém, Ereškigal nunca foi uma divindade popular, justamente porque associada à morte, fazendo com que subsistissem apenas algumas exíguas evidências iconográficas dela.

Para o historiador da arte e ex-diretor do Instituto Warburg, em Londres, Henri Frankfort, (1995, p. 110) estes relevos em placas de argila lograriam substituir estátuas de culto e sua intensa frontalidade poderia ser explicada pela necessidade dos fiéis em estabelecer uma relação direta com a divindade. Comumente representada pelos assírios com seus atributos guerreiros, Ištar é também a senhora dos animais selvagens e, em várias representações está associada ao leão. O leão era considerado como o animal mais poderoso do mundo selvagem, e por isto, pertence à simbologia real: as metáforas assimilam o monarca à um leão ou à um touro. Dentre os animais selvagens, o leão possui um lugar particular no imaginário do Oriente Próximo, pois é o símbolo das forças do mundo caótico da estepe, considerado como o rei dos animais selvagens.



Fig. 10 - Estela de Hammu-rabi (detalhe)
Cerca de 1750 AEC. Diorito. 2,25 m de altura
Museu do Louvre, Paris
Fonte: Foto da autora.

Na arte mesopotâmica o anel e o bastão também aparecem na Estela de Hammu-rabi (Fig. 10) e de Ur-Nammu, sendo segurados por divindades, oferecendo uma outra significação: aqui são interpretados como um símbolo da justiça. A imagem representa o rei Hammu-rabi (1728-1686 AEC) diante do deus Šamaš, sancionando o texto das leis que está no corpo da estela. O deus da justiça exibe a coroa de chifres e na mão direita segura o anel e o bastão. Vemos raios saindo dos seus ombros e costas, numa alusão ao sol, aquele que ilumina e que traz a justiça.

Se defendemos a conexão do relevo "Rainha da Noite" com a deusa Ištar, entendemos que a construção dessa personagem divina pode parecer contraditória com o modelo de sociedade patriarcal da época. Podemos nos perguntar se havia lugar, no imaginário mesopotâmico, para esta peculiar figura feminina? Ištar nos dá indícios da existência de mulheres que rompiam com a ordem estabelecida e com os padrões comportamentais instituídos. Ištar, a grande senhora, rainha do céu e das estrelas, deusa das deusas e possuidora de toda a força divina é a personificação divinizada do feminino, em toda a complexidade que este arquétipo possuía no horizonte social mesopotâmico.

Referências Bibliográficas

AMIET, P. (1979). *Introduction à l'histoire de l'art de l'antiquité orientale*. Paris: Desclée de Brouwer.

ASCALONE, E. (2006). *Guide des Arts - La Mésopotamie*. Paris: Hazan.

BLACK, J., GEORGE, A., POSTGATE, N. (2000). *A Concise Dictionary of Akkadian*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag.

BLACK, J., GREEN A. (1998). *Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia*. London: British Museum Press.

BOTTÉRO, J. (1987). *L'Écriture, la raison et les dieux*. Paris: Éditions Gallimard.

BOTTÉRO, J.; KRAMER, S. (1993). *Lorsque les dieux faisaient l'homme*. Paris: Éditions Gallimard.

_____. (2011). *L'Érotisme Sacré à Sumer et à Babylone*. Paris: Berg International Éditeurs.

CAD. (1956-2006) *Chicago Assyrian Dictionary*. Chicago: The Oriental Institute of the University of Chicago.

COLON, D. (2005). *The Queen of the Night*. London: The British Museum Press.

FRANKFORT, H. (1996). *The Art and Architecture of the Ancient Orient*. New Haven and London: Yale University Press.

GLASSNER, J.-J. (2002). *La Mésopotamie*. Paris: Les Belles Lettres.

JOANNÈS, F. (éd.). (2001). *Dictionnaire de la Civilisation Mésopotamienne*. Paris: Éditions Robert Lafont.

LABAT, R.; MALBRAN-LABAT, F. (1988). *Manuel d'Épigraphie Akkadienne*. Paris: Geuthner.

LIEBERMAN, S. (1992). Nippur: city of decisions, In: ELLIS, M. (org.). *Nippur at the Centennial- 35° R.A.I*, Philadelphia, p.127-136.

LÓPEZ, J., SANMARTÍN, J. (1993). *Mitología y Religión del Oriente Antiguo*. Barcelona: Editorial AUSA, vol. I.

LURKER, M. (2006). *An Illustrated Dictionary of The Gods and Symbols of Ancient Egypt*. London: Thames & Hudson.

MARZAHN, J. (1993). *La Porte d'Ishtar de Babylone*. Berlin: Verlag Philipp von Zabern.

MOSCATI, S. (1985). *Como reconhecer a arte mesopotâmica*. São Paulo: Martins Fontes.

PARROT, A. (2007). *Assur*. Paris: Gallimard.

POSTGATE, J. N. (1995). *Early Mesopotamia*. London and New York: Routledge.

POZZER, K.M.P. (2008). A Magia na Mesopotâmia. In: FUNARI, P.P., SILVA, G., MARTINS, A. *História Antiga - contribuições brasileiras*. São Paulo: Ed. Annablume/FAPESP, p. 173-187.

_____. (2010). Babel e a representação do sagrado na Cidade Antiga. In: CORNELLI, G. (Org.). *Representações da Cidade Antiga: categorias históricas e discursos filosóficos*. Coimbra: Classica Digitalia.

_____. (2011). O Jardim do Pecado: uma narrativa de violência sexual na Mesopotâmia. In: GRILLO, J.G.C.; GARRAFFONI, R. S.; FUNARI, P.P.A. (orgs.). *Sexo e Violência - Realidades Antigas e Questões Contemporâneas*. São Paulo: Fapesp/Annablume, p. 37-57.

ROUX, G. (1995). *La Mésopotamie*. Paris: Éditions du Seuil.

WIGGERMANN, F.A.M. (2000). Theologies, Priests, and Worship in Ancient Mesopotamia. In: SASSON, J. M. (ed.). *Civilizations of the Ancient Near East*. Peabody: Hendrickson Publishers, p. 1857-1870.